



VEGETAÇÃO E IMAGINÁRIO URBANO: O papel da vegetação urbana na construção do laço afetivo entre a sociedade e a paisagem urbana.

Autores:

Taís Alvino da Silva - UFRJ - taisalvino@gmail.com

Resumo:

A abordagem da paisagem urbana, a partir das questões sensíveis, consiste na busca pela construção de uma paisagem detentora de características que favoreçam a criação de elo afetivo entre suas partes integrantes – usuários e meio físico – na perspectiva de alcançar o conceito de paisagem afetiva. Esse artigo busca investigar como ocorre a construção do laço afetivo entre a população e a vegetação urbana, a partir da vegetação urbana pelo seu caráter de destaque na paisagem como elemento de atribuição de diversos valores e significados pela população. Em meio a complexidade da pluralidade de valores e significados transmitidos pela vegetação, o caminho metodológico se deu através de três dimensões (simbólica, memorial e do ambiente) como suporte teórico. Sendo assim, a dissertação apontou sutilezas da vegetação que incitam a construção de laço afetivo entre a população e a vegetação a partir da vegetação como elemento forte na paisagem afetiva.

VEGETAÇÃO E IMAGINÁRIO URBANO

O papel da vegetação urbana na construção do laço afetivo entre a sociedade e a paisagem urbana.

INTRODUÇÃO

A paisagem urbana pode ser compreendida como fruto da configuração social e espacial associada aos processos naturais em um contexto geográfico, histórico e cultural. Ou seja, é uma construção em constante processo de transformação, com a ação de agentes diversos envolvendo múltiplos campos disciplinares, alcançando expressão na forma de vivência cotidiana das pessoas. De acordo com Joan Nogué (2009, p.22), “nós vivemos emocionalmente através da paisagem não somente porque existem elementos tangíveis nela, mas porque existem construções sociais e culturais impregnadas com denso conteúdo intangível geralmente acessível somente pelo mundo das emoções.” Isto a torna composta não apenas por aquilo que está à frente de nossos olhos, mas, sobretudo, por aquilo que se esconde em nossas mentes, o imaginário social.

O imaginário social consiste em representações do mundo real, tendo como perspectiva os saberes sociais, trazidas pelos sentidos de forma a compreender a realidade e percebe-la desta ou daquela forma. Essas representações abarcam os sonhos, os desejos, os temores, o inalcançável e também o real de forma a ter um forte poder de qualificar o mundo. É, então, o agente de atribuição de significados, atuando como o propulsor da ação do homem ao longo da sua existência (PESAVENTO, 2007).

Seguindo o mesmo raciocínio, o imaginário urbano caracteriza-se como uma forma subjetiva e grupal de ver, de viver e de habitar a cidade. Um conjunto de ideias e representações coletivas, a seleção de um contexto construído a partir de diferentes pontos de vista e permeado pela bagagem cultural, estética e simbólica, que pode desvelar os significados da cidade. Significados estes compreendidos como uma soma hipotética de diferentes visões (SILVA, 2001).

Esse conjunto está inserido em uma dimensão de trocas constantes, em que o físico produz efeitos no simbólico pela sua relação entre o físico, sua vida social, seu uso e representação. Da mesma forma, as representações afetam, conduzem seu uso social e modificam a concepção do espaço (SILVA, 2001).

De acordo com James Corner (1990), a arquitetura paisagística é a disciplina que sempre teve uma posição privilegiada na sociedade, a partir do seu papel de mediador entre natureza e cultura e pelo seu caráter intencional necessariamente simbólico. E a sua atuação, a partir dos aspectos sensíveis da paisagem, favorece a exploração dos valores e significados atribuídos pela população.

Nessa mesma perspectiva, Lúcia Costa (2015) destaca o uso da vegetação na prática profissional da arquitetura paisagística como agente ativo e transformador da experiência paisagística contemporânea. De acordo com Costa (2015, p. 271), a vegetação tem papel central como “infraestrutura para novas experiências urbanas e territoriais, expansão de biodiversidade, e definição de formas urbanas” de forma a materializar a complexa interação entre sociedade e natureza. A dificuldade de lidar com esse imaginário advém de que ele pertence ao campo da metáfora e da poética e não ao raciocínio objetivo e de equações algébricas, sendo geralmente banalizado em um mundo no qual os valores pragmáticos de eficiência e utilidade são predominantes. Contexto marcante do século XX em que “os conhecimentos técnicos da ecologia substituem a poética do morar, a atitude excessivamente estética afasta o conteúdo simbólico, o historicismo paródico substitui a história e a tradição, o regionalismo nostálgico opõe-se à modernidade contemporânea, o movimento fundamentalista da natureza desloca as representações artísticas e culturais, e o dogmatismo acríptico de diferentes campos do conhecimento substitui o diálogo.” (CORNER,1990, p.75).

Em meio a esse contexto de pragmatismo, há uma tendência por optar-se na concepção do projeto paisagístico, convencionalmente, por aquilo que é passível de racionalização (análises topográficas, densidade urbana, rede viária, abastecimento de água potável, energia elétrica, telefone, gás, redes de esgotamento, condições do solo, etc). Estas ações são importantes e necessárias durante o desenvolvimento do projeto, porém, não devem se restringir única etapa do processo. A conscientização da necessidade de se tratar questões sensíveis da paisagem leva ao questionamento dessa conduta pragmática, de forma a direcionar a arquitetura paisagística ao seu caráter de atribuição de significado à existência humana por meio da construção do conceito de lugar marcado por sentidos positivos de pertencimento, proteção e segurança. Em outras palavras, na construção de um lugar que possibilite a criação de elo afetivo com ele, uma paisagem afetiva, “aquela que tem a capacidade de atrair, envolver e emocionar os habitantes urbanos” (FARAH, 2006, p.02).

Há, então, uma mudança de paradigma da exclusividade de investigação a partir da ótica positivista para a abertura de um olhar voltado para os aspectos de revalorização dos potenciais sensíveis, buscando os significados da paisagem que fortaleçam os elos com as pessoas. Essa mudança se dá a partir de abordagens pautadas em perspectivas como por exemplo a de Norberg-Schulz (1980). Perspectiva essa que compreende a arquitetura como um meio para conceder uma base existencial ao homem, e, portanto, encara a necessidade humana de experienciar as situações da vida cotidiana como providas de significado. Ou seja, uma lente de observação que tem como propósito transformar o meio físico, a partir da revelação dos seus potenciais significados ali construídos pela sociedade.

Considerando a concepção de uma paisagem afetiva urbana, observa-se a existência de uma pluralidade de paisagens potenciais em um mesmo lugar, que de acordo com a singularidade de cada pessoa em envolver-se e emocionar-se, elegem e se deixam afetar em um dado dia por uma dessas paisagens (SANSOT,1995 apud FARAH, 2006). Entre a pluralidade de paisagens e a singularidade das pessoas, a vegetação urbana, “pela sua capacidade de se moldar a diversas expectativas, suscitar significados os mais variados, evocar associações, despertar lembranças”, proporciona uma gama de possibilidades na construção do laço afetivo. Dentre as diversas possibilidades, a presença da vegetação e dos elementos naturais promove prazer através da experiência sensorial (capaz de abarcar os

cinco sentidos), agrega temporalidade através da relação tempo e transformação biológica e possibilita equilíbrio psicológico e social pela qualidade estética, oportunizando que o ambiente urbano se transforme sensivelmente aos sentimentos humanos e facilite a comunicação entre as pessoas e a cidade (FARAH, 2006, p.02).

Alguns autores como Furtado e Dalcin (apud FARAH,1997) têm apontado que a presença da vegetação está geralmente associada aos benefícios do âmbito físico e biológico, desconsiderando vantagens que não podem ser medidas numericamente. É pouco e/ou parcialmente explorado o impacto psicológico da vegetação sobre as pessoas, tais como o sentimento de bem-estar, a sensação de abrigo, a relação entre o ciclo de vida da vegetação e o ciclo de vida humano, o caráter de orientação, o valor simbólico de veneração, o valor simbólico de conexão com o cosmo, dentre muitos outros. Estudos desenvolvidos pela psicologia da paisagem por autores como Appleton (1975), Ulrich (1990) e Lewis (1990) foram fundamentais na elucidação destas importantes contribuições.

Essa potencialidade afetiva é inerente à vegetação, porém, é necessário que os projetos paisagísticos considerarem os valores e significados atribuídos pela população, de forma que essa potencialidade seja melhor explorada. Cabe ao arquiteto paisagista compreender como ocorre o laço afetivo entre a população e a vegetação urbana para, então, identificar os elementos que devem ser incorporados na concepção do projeto, a fim de conceber uma paisagem enquanto “veículo de acontecimentos emocionalmente fortes” (TUAN, 2012, p.136), permitindo, assim, que a afetividade e os laços estabelecidos com o ambiente culminem em uma paisagem que reflita essa sociedade criadora de significado.

Entende-se o afeto, nesse artigo, diferentemente da noção romântica de sentimento terno de afeição por algo ou por uma pessoa. Admite-se a perspectiva de Tuan (2012) do afeto enquanto sentimento de resposta aos estímulos sensoriais do ambiente material que acometem os seres humanos. A noção de afetividade como “manifestações específicas do amor humano” (2012, p.135) fruto daquilo que nos afeta prazerosamente na vivência do espaço urbano.

Outro importante ponto a ser explicitado é que, nesse artigo, o olhar em relação à vegetação urbana destina-se aos diferentes extratos de exemplares vegetais (arbóreo, arbustivo, herbáceo) que a compõem no meio urbano. Entendendo assim a vegetação urbana enquanto elemento de composição do espaço urbano, no qual podem ocorrer situações de destaque ao exemplar arbóreo e/ou arbustivo ou destaque ao conjunto. Sendo assim, os estudos que levam em consideração especificamente o exemplar arbóreo, como por exemplo os realizados pela Farah e Rival, são interpretados como possíveis ampliações à compreensão do conjunto vegetal também.

Em meio a esse contexto de construção da paisagem detentora de significados e admitindo a particularidade de atuação do arquiteto paisagista, o artigo busca investigar como ocorre a construção do laço afetivo entre a população e a vegetação urbana, a partir da atribuição de valores e significados, segundo marcos teóricos.

Dada a complexidade desse universo, optou-se por fragmentar os aspectos que o compõe, adotando aqueles que são mais relevantes, recorrentes, inter-relacionados e que a sua interpretação e problematização favorecessem a sua compreensão. Para tanto, utilizou-se do enfoque na vegetação como objeto que transmite a mensagem, construindo

as dimensões, a partir das categorias propostas por Ivete Farah no estudo da constituição de uma paisagem afetiva: árvore-tempo, árvore-memória, árvore-símbolo, árvore-identidade, árvore-natureza. Associado a essas categorias, a interpretação de teóricos voltados ao olhar sensível da paisagem, como Yi-Fu Tuan (2012), Kevin Lynch (1997) e Marc Treib (2011), teve papel importante para alcançar a divisão em três dimensões: simbólica, memorial e do ambiente.

A dimensão simbólica abarca a construção de mitos e símbolos na relação entre vegetação e população. Enquanto a dimensão memorial explora a lembrança e o poder da imaginação na experiência da paisagem, sendo a vegetação urbana o condutor desse processo. E a dimensão do ambiente abrange as especificidades de cada espaço urbano e a busca pela compreensão das características que o tornam único na vivência da população.

VEGETAÇÃO URBANA: VALORES E SIGNIFICADOS

A paisagem urbana é composta por diversos elementos, como, por exemplo, a vegetação e os elementos naturais, os elementos socioeconômicos e culturais, o conjunto edificado, as pessoas, dentre outros, em uma estrutura de rede intrincada. Costa (2010, p.216) reforça essa característica quando aponta a importância de encarar a paisagem como processo fruto de uma “complexa estrutura de relações que lhes é inerente.”.

Sendo assim, a concepção da paisagem pode ter elementos diversos de abordagem, como os citados acima. A escolha pelo enfoque na vegetação ocorre pelo caráter de destaque que ela apresenta na paisagem como elemento de projeto que gera qualidade funcional, ambiental e estética, mas, sobretudo, pela diversidade de valores e significados que lhe são atribuídos pela população da cidade, o que culmina em uma intensificação da relação de afeição entre a paisagem e o usuário (FARAH,2006).

Nessa perspectiva de estímulo à relação afetiva entre a paisagem e o usuário, prevalece, nesse artigo, uma visão de cidade pautada nas “formas de percepção, identificação e atribuição de significados ao mundo, o que implica dizer que trata das representações construídas sobre a realidade, no caso a cidade.”. Ou seja, tem-se como horizonte para a construção da paisagem urbana, a força e peso do imaginário social na compressão coletiva da cidade. Essas representações, sejam elas expressas por palavras, coisas, publicidade, fotografia, arquitetura, pintura, grafite, escultura, monumentos, traçados etc, são trazidas pelos sentidos e agem de forma a compreender a realidade e percebe-la desta ou daquela forma, tendo assim, um forte poder de qualificar a paisagem (PESAVENTO, 2007).

Além disso, uma visão que prioriza a compressão da cidade a partir da percepção sensível, na qual as emoções, as sensações e os sentimentos, gerados pelo ambiente urbano, são mais relevantes do que a sua materialidade em si. Pesavento (2007) indica que pode-se conceber uma paisagem urbana que se mostra mais associada ao experienciado pelos seus usuários do que se somente considerar a referência aos elementos concretos e construídos

dessa paisagem. (PESAVENTO, 2007). E ainda o entendimento da paisagem enquanto “cena da vida, construção cultivada, portadora do significado.” (SPIRN, 1998, p.15)

A atribuição de valores e significados à vegetação está imersa no universo de associações, percepções e vivências, de forma que integra o entendimento da cidade, a partir do imaginário social urbano. Uma construção fruto da interação entre as estimulações exteriores e uma sedimentação cultural anterior.

Como observa Marc Treib (2011), o significado reside no observador e não no lugar. Somente atrair a atenção para as marcas do lugar, as condições físico-ambientais, ou ainda lições didáticas de formas não são suficientes para criar significado. Esses valores e significados permeiam o universo de associações, percepções e vivências que englobam as emoções, os sentimentos e os sentidos sensoriais.

Ou seja, o significado não é uma construção do arquiteto paisagista; em vez disso, é uma criação do observador que utiliza, ocupa, confronta e finalmente interpreta. Este é adquirido com o tempo e percebido diferentemente devido à bagagem cultural, à educação, às experiências de vida e às experiências com a natureza.

Além disso, Spirn (1998, p.18) aponta que o significado da paisagem “está lá para ser descoberto, inerente e atribuído, moldado pelo que os sentidos percebem, pelo que o instinto e a experiência lêem como significativo, pelo que a mente conhece.” Sendo, portanto, o papel do arquiteto paisagista instigar reações ao lugar a partir da compreensão de ideias que reconheçam nosso tempo, nossa sensibilidade e nosso povo (TREIB, 2011). Poder buscar essa compreensão através do enfoque na vegetação como objeto que transmite a mensagem é, portanto, um ponto interessante e instigante, a que este estudo se destina.

O modo como essa capacidade de expressão e significado da paisagem ocorre não é bem compreendido, já que a paisagem, diferentemente da linguagem verbal, não exprime literalmente algo, ela o faz através de outros meios. A paisagem pode expressar “certas coisas, pode possuir símbolos e referenciar ideias, eventos e objetos extrínsecos aos seus próprios elementos e lócus, e em certas circunstâncias pode ser didático e/ou altamente poético.” (OLIN, 1988, p. 44). De acordo com o autor, a paisagem possui dois tipos de significados atrelados a dois entendimentos de construção de paisagem. Um primeiro associado à sobrevivência e a perpetuação social, na qual a paisagem é vista como território para o desenvolvimento da sociedade. Em geral lugares ou características relacionadas às fontes de sustento, segurança e descanso. E um segundo compreendido como significado elaborado, que abrange a maioria dos campos de atuação da arquitetura paisagística como os espaços místicos e associados à morte, mas também espaços de moradia e trabalho (em geral paisagens construídas). Essas paisagens despertam sentimentos de “fascinação, respeito, medo, contemplação, diversão e satisfação, interesse visual e sensorial e estímulos de todos os tipos.” (OLIN, 1988, p.46).

A seguir, citam-se alguns autores cujas pesquisas foram importantes para consolidar a base teórica do imaginário urbano e arbóreo. SILVA (2011) estuda o conjunto de ideias e representações coletivas através da análise de duas cidades latino americanas (Bogotá e São Paulo), a partir do enfoque na percepção do habitante. A sua contribuição

nesse estudo consiste na inserção global da vegetação no imaginário urbano, na identificação do processo de construção do imaginário urbano coletivo e possíveis relações entre espaço urbano e imaginário.

FARAH (2006) trata da construção de uma paisagem afetiva numa abordagem que corrobora a relação entre a vegetação e a atribuição de significados. A autora expõe a diversidade dos significados da arborização para os habitantes como um atributo importante das árvores. A autora explora essa diversidade de significados a partir de cinco categorias: árvore-natureza, árvore-identidade, árvore-símbolo, árvore-memória e árvore-tempo, nas quais expõe a riqueza de possibilidades que as árvores detêm na construção de afetividade com o espaço urbano.

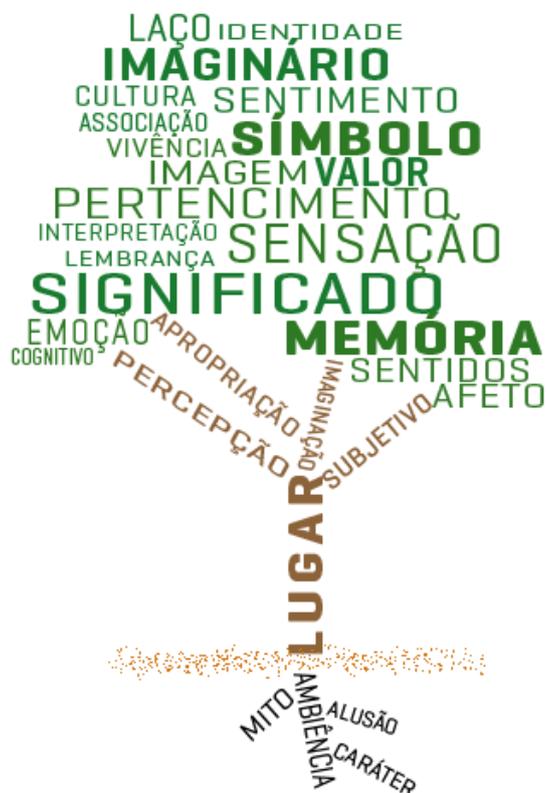
Já o trabalho do RIVAL (1998) traz maior especificidade. Abarca o caráter simbólico da vegetação em várias culturas de forma a apontar as principais convergências em meio a um universo amplo e complexo. A obra, editada por ela, reúne textos de vários autores que elucidam a identidade e a longevidade do elemento arbóreo e sua relação com o ciclo de vida humano como principais valores responsáveis pela relação simbólica entre as pessoas e as árvores. Sendo, assim, o principal referencial teórico para a construção da dimensão simbólica.

SCHROEDER (2010) aborda o papel da imaginação na experiência da paisagem. O autor expõe, no seu estudo, as formas de manifestação mais recorrentes da imaginação na vivência da paisagem. Indica que essas manifestações podem ser utilizadas como meio de estimular os valores e de expressar os significados nas intervenções paisagísticas.

Outro autor que auxilia na compreensão da temática é o NOBERG-SCHULZ (1980), que busca, na filosofia grega, uma reflexão sobre o conceito de lugar, trazendo assim a ideia de *genius loci* - espírito do lugar - para a compreensão do espaço. O autor trata do lugar a partir do conceito de suporte existencial, ou seja, das relações básicas entre o homem e o seu meio ambiente. Entende que para o homem alcançar esse suporte, o espírito do lugar divide-se em dois elementos complementares: o espaço, entendido como a orientação e o caráter, a identificação. E, assim, essas duas qualidades características conferem reconhecimento e pertencimento do homem no mundo.

Neste sentido de universo plural, em se tratando de aspectos tão subjetivos e diversos, dada a riqueza de significados proporcionada pela vegetação e as variáveis que levam à construção desses significados, pode-se imaginar, como exemplo, uma alusão entre as partes que formam a árvore (raiz, caule, folha e flor) e esses aspectos subjetivos, numa busca por compreensão desse universo complexo e entrelaçado (Figura 1). Então, a título de estruturação teórico-metodológica, propõe-se a investigação dos valores e significados da vegetação a partir de três dimensões subjetivas que podem auxiliar na construção da narrativa científica: simbólica, memorial e do ambiente.

Figura 1- Diversos valores atribuídos à vegetação.



Fonte: Própria, 2017.

O imaginário urbano compreende as representações imagéticas do meio urbano, de forma que o seu estudo e a sua compreensão pode ajudar no entendimento da paisagem urbana. Essas representações advém das vivências urbanas, das associações cognitivas, e das percepções dos usuários, que são principalmente influenciados pela bagagem cultural e pelas estimulações promovidas pela paisagem urbana. E o afeto, enquanto elemento de construção imagética na relação com o espaço urbano, é um dos integrantes do imaginário urbano.

A seguir, expõe-se separadamente estas dimensões, compreendendo esta divisão exclusivamente como ferramenta de investigação e auxílio na compreensão destes elementos da paisagem urbana, já que elas ocorrem de forma concomitantes e associadas na construção de um imaginário urbano.

DIMENSÃO SIMBÓLICA

O imaginário social é o agente de atribuição de significados a partir do conjunto de ideias e representações coletivas (PESAVENTO, 2007). Então a compreensão da atribuição de significados e valores perpassa pelo entendimento de que a paisagem é composta por simbolismo e elementos identitários a ela associados que acabam por alimentar os imaginários sociais (SCHAMA, 2009). E que esses símbolos e elementos identitários

permeiam as relações das pessoas com o espaço, construído por diferentes pontos de vista e permeado pela bagagem cultural, estética e simbólica.

Nesse relacionamento entre as pessoas e a paisagem, tem-se como premissa do simbolismo vegetal a visão da Rival (1998, p.01) de que as “árvores fornecem alguns dos símbolos mais visíveis e potentes do processo social e da identidade coletiva”. Essa premissa permeia o cenário de interação entre a sociedade e seus ambientes naturais, e elucida a importância do simbolismo no entendimento da construção coletiva de paisagem urbana, instigando a compreensão desse universo sob a ótica da paisagem afetiva.

As diferentes abordagens de outros autores sobre o simbolismo da árvore, como o desejo humano de externalizar e materializar sentimentos coletivos através de espécies naturais apontado por Durkheim (1976, apud Rival, 1998), ou o simbolismo natural das árvores fruto da dualidade humana entre animalidade biológica e a mente como local de moralidade e espiritualidade definido por Douglas (1970 apud Rival, 1998), e ainda a visão da árvore como ‘forma viva’ que para Atran (1990 apud Rival, 1998) fazem com que compreendamos o fato de que as pessoas naturalmente tendem a considerá-la um fenômeno atraente, Rival destaca que as árvores são utilizadas simbolicamente para “fazer concreto e material a noção abstrata da vida” e que elas são “suportes ideais para um propósito simbólico precisamente por causa do seu status ambíguo de organismo vivo” (RIVAL, 1998, p,03).

De acordo com Rival (1998, p.01), o simbolismo da árvore “reflete o desejo humano em expressar suas ideias através de signos externos e materiais, independente do que esses sinais possam ser”, em que a árvore é utilizada simbolicamente como meio para a expressão coletiva. Seguindo o mesmo raciocínio, Farah (2008, p.54) afirma que “ a árvore, como símbolo, desvela um mundo invisível. Um mundo abstrato, acessível apenas pela imaginação.”.

Ao longo da história da humanidade, a árvore teve papel de destaque na construção de mitos e símbolos, a partir da sua utilização em rituais de adoração, cerimônias religiosas, entre outros. Pode-se citar, em diversas culturas, a concepção da árvore como centro do mundo, a árvore como elemento de representação simbólica do ciclo de vida humana, a ideia de Árvore da Vida, a qual possui diversas interpretações nas religiões e também a árvore como figura representativa do cosmos (FARAH, 1997), o que evidencia o peso simbólico dado a este elemento pelo ser humano em diferentes culturas. O autor Maurice Bloch (1998) acredita que esse poder simbólico se dá em razão das árvores serem boas substitutas para os humanos e que essa boa substituição é devido ao fato de serem diferentes, mas manterem uma continuidade a partir do elemento comum que compartilham, a vida.

Jacques Brosse (1998, p.300) reitera o peso das árvores, pela sua característica de organismo vivo, ao salientar a permanência do seu caráter intrigante e misterioso no decorrer da história da humanidade. Segundo o autor, essa noção sobre as árvores permanece porque “elas se comunicam com os elementos mais profundos, suas raízes dentro da terra e seus ciclos no céu, que parecem unir, e conseqüentemente possibilitar a comunicação entre os dois invisíveis, acima e abaixo.” Ou seja, a árvore como meio de

relacionamento entre o físico e concreto e o intangível, a partir de uma interação entre homem e natureza pautada na imaginação, emoção, sensação e percepção.

As qualidades essenciais das árvores para a construção do seu simbolismo são a vitalidade e a auto regeneração (RIVAL,1998). De acordo com a Rival (1998, p.27), a “vida das árvores, com sua qualidade duradoura que transcende a finalidade da vida humana, nunca acaba mesmo, ou parece continuar sob uma forma diferente.”, de forma que a auto regeneração possibilita a longevidade e assim o relacionamento com gerações distintas promovendo “analogias com características da vida humana” (FARAH, 1997, p.138), além de assinalar as estações do ano. Enquanto que a vitalidade está associada a árvore como doadora de energia, a sua característica de organismo vivo, com um ciclo de vida da semente para o fruto e do fruto para semente, traz a noção de que “as árvores não têm vida, elas propagam a vida” (RIVAL, 1997, p.23), abarcando a dimensão do misterioso, em que “pode ocultar forças desconhecidas” (FARAH, 1997, p.137).

Em função da noção de simbolismo das árvores exposta por Rival, Farah, Bloch e Brosse pode-se destacar alguns significados simbólicos da árvore como o poder místico, a religiosidade, a universalidade, a verticalidade e a temporalidade. De acordo com FARAH (2008), o simbolismo da vegetação, se pensado a partir do sentido de origem do universo, ou seja um sentido muito além pautado na sua essência de “uma espécie de centelha original”, pode vislumbrar a figura simbólica de conexão com o cosmo.

A religiosidade faz-se presente pelo lugar da árvore como o lugar do sagrado, no qual atua como “elemento da natureza capaz de receber a entidade do culto religioso” (FARAH, 2008, p. 89). Essas implicações religiosas são reforçadas pela associação entre o santuário, a idolatria da árvore e as formas arquitetônicas góticas, sendo, então, o sagrado da natureza um espaço recorrente na humanidade, mesmo em diferentes culturas. Especialmente explorados a partir da verticalidade, da essência de grandiosidade dada pela sua arborescência e da relação de origem da vida.

A universalidade encoraja-se pela capacidade das árvores de expressar a estrutura da vida e do cosmo através do seu sistema de ramificação. Esse sistema, exteriorizado nos ramos ou nas raízes das árvores, detém um conjunto de características e traços de domínio comum no imaginário social de forma que, como Farah (2008) aponta, a árvore transcende às diferenças culturais e dos indivíduos, tornando-se num símbolo de união de povos e regiões.

As árvores encerram em si, também, a temporalidade, por meio da função como relógio sazonal (termo utilizado por Lynch) “precisos na primavera e no outono, funcionando como sinais do tempo, nos dando as informações de que precisamos para viabilizar a coordenação social e enquadrar ciclos naturais ao nosso senso interior de tempo. ” (FARAH,2008, p.103).

Essa multiplicidade de símbolos da árvore desencadeia uma pluralidade de ideias, associações e emoções que multiplicam os pontos de comunicação entre a paisagem e as pessoas. Mesmo que não ocorra de forma consciente, que seja perceptível a ligação entre

determinados sentidos e significados, há uma repercussão dessa relação simbólica na vivência com a árvore, e consequentemente, com a paisagem.

Dessa forma, a dimensão simbólica demonstra a força do elemento natural, o seu papel de notoriedade, e a sua conexão com a essência da vida, e com as fases/ciclo da vida.

A partir do referencial teórico explicitado acima como repertório interpretativo, desenvolveu-se, junto à colaboração da arquiteta e mestrandia Bárbara Rocha, uma ilustração conceitual com o intuito de complementar a percepção sobre a dimensão. O intuito da imagem conceito (Figura 2) é explorar, principalmente, as relações entre a vegetação e as pessoas a partir do papel de elemento contrastante desempenhado pela vegetação no meio urbano, por isso então a utilização da sobreposição de colagem entre contexto urbano e diferentes exemplares vegetais. Já a apresentação de diferentes espécies tem intenção de exemplificar a força e a expressividade da sua presença na paisagem a partir da composição dos diferentes extratos vegetais. Enquanto que a notoriedade se manifesta na leitura e na experiência da paisagem através das suas características botânicas, mas também pelas percepções e sensações a ela associadas e por ela promovida. Além disso, as possibilidades associativas e representativas de diferentes espécies de acordo com o seu contexto de inserção. São alguns dos “insights” que se espera que a imagem promova ao leitor.

Além disso, essa ilustração conceitual tem o intuito de ampliar a subjetividade de compreensão dessa dimensão. A ideia é que o leitor possa mergulhar na imagem e, partir da própria sensibilidade, aliado à bagagem teórica, acrescentar nuances ao caráter simbólico da vegetação.

Figura 2 - Ilustração conceitual sobre a Dimensão Simbólica.



Fonte: Rocha,2017.

DIMENSÃO MEMORIAL

Seguindo o raciocínio de Schama (2009, p.70), paisagem e memória são indissociáveis, já que, para ele “paisagem é cultura antes de ser natureza, um constructo da imaginação projetado sobre mata, água, rocha”, de forma que “em cada árvore, cada rio, cada pedra, estão depositados séculos de memória”, construindo a cultura e a história de cada povo. Já Pesavento (2002) aponta como principal ponto de interesse entre a memória e os traços cidade, a “sua capacidade de evocar sentidos, vivências e valores.” O espaço urbano, mesmo aquele edificado no passado, é pensado e sentido no presente de forma que converte-se em “suporte da memória social da cidade.”

Para Schama (2009), a paisagem é preenchida por elementos identitários e simbólicos da nacionalidade de um povo, construídas e reproduzidas pela literatura e pela pintura, que permeiam o imaginário social e que, ao longo da história de um povo, somam-se e solidificam-se na projeção de uma paisagem nacional.

Além disso, a dimensão memorial está inserida no contexto de construção do imaginário social, expressa nas experiências pessoais e na capacidade de imaginação dos

usuários. Segundo Cosgrove (2000), a imaginação tem o papel de elaborar, metaforicamente, aquilo que os sentidos capturam, e atribuir-lhes significado.

De acordo com Schroeder (2010), a imaginação na experiência da paisagem pode aparecer em uma variedade de formas; porém, o autor elege algumas mais recorrentes no relato dos envolvidos no seu estudo, tais como “edição mental”, “viagem no tempo” e “transposição para outros lugares”. Através dessas categorias, exemplifica a força da imaginação no fortalecimento de imagens da paisagem, na restauração de paisagens na memória do usuário, na recaptura de experiências vivenciadas, na imersão no próprio imaginário individual e ainda na revisitação e na vivência da experiência mesmo sem, de fato, estar no local descrito.

Com isso, Schroeder indica que identificar como a imaginação abarca a experiência da paisagem pode ajudar no desenvolvimento e na expressão dos significados e valores dela. E que a imaginação deve ser explorada no processo de tomada de decisão sobre a atuação na paisagem. Ou seja, utilizar-se das categorias por ele propostas como mais recorrentes (“edição mental”, “viagem ao tempo” e “transposição para outros lugares”) como formas de intervenção na paisagem.

A partir do aporte teórico proposto por Lynch (2006, p.11), pode-se associar essa dimensão ao seu conceito de imaginabilidade, que é caracterizada como a “alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador”. Nesse contexto, a vegetação pode fixar paisagens, eventos, emoções e até pessoas, a partir da capacidade de evocar lembranças. Memória esta construída em função “de uma determinada aura, solicitada por um determinado registro de sons, uma determinada luminosidade ou uma determinada tonalidade afetiva.” (SANSOT,1995 apud FARAH,2006, p.04). Essas características da vegetação são trazidas à lembrança através da recuperação da ambiência do lugar.

Farah (2008, p.52) apresenta a rememoração da vegetação em duas diferentes situações: uma em que a lembrança é recuperada a partir de processos que levam ao estado de consciência, e outra em que a própria presença da vegetação traz à tona “situações, sentimentos, emoções e imagens caras à afetividade.”. Ainda acrescenta a consequência dessa experiência de lembrança, na qual ela desencadeia uma nova densidade, uma profundidade suplementar, devido à dilatação do estado afetivo e intelectual, carregando, assim, de sentido a existência da pessoa. Isso reforça a importância das emoções que podem aflorar relacionadas a lembranças trazidas pela presença da vegetação na paisagem urbana.

A capacidade nata de rememoração faz com que as pessoas esperem, do ambiente, condições que melhor acolham essa capacidade. Sendo assim, a atuação da memória é importante em um contexto coletivo, não se reduzindo a soma de representações individuais. Nesse contexto coletivo, faz-se necessário a utilização de objetos de domínio comum que permitam coincidir os caminhos de cada um com o de outros na paisagem, extrapolando as representações individuais e alcançando o grupo social. De acordo com Farah (2008, p.53), as árvores funcionam como esses objetos coletivos: “as árvores que se perpetuam no ambiente urbano, criando relações com o espaço e com as pessoas, podem constituir imagens que possuam significados numa determinada paisagem, sendo compartilhados coletivamente pelos habitantes e usuários do lugar.”.

Posto isto, a dimensão memorial revela a sua importância pela participação na construção de identidade e reconhecimento de uma nação, pela capacidade de valorização de uma paisagem, a partir da imaginação pelo usuário das condições precedentemente existentes, das suas marcas e das semelhanças com paisagens conhecidas anteriormente e pela associação de eventos a sentimentos.

Figura 3 - Ilustração conceitual sobre a Dimensão Memorial



Fonte: Rocha,2017.

Essa ilustração conceitual (Figura 3) tem como intenção expor a ênfase do poder da imaginação na experiência da paisagem através da experimentação da vegetação. A propensão da vegetação de instigar os sentidos a capturar sensações, de evocar vivências e lembranças, de transportar os usuários a outros momentos diferentes do presente vivido e a outros lugares, de associar elementos da paisagem e a própria paisagem às memórias e aos espaços físicos. Essas possibilidades que a vegetação pode despertar na experiência da paisagem são idealizadas, nessa representação gráfica, através de grandes “janelas”. Cada “janela” é interpretada como a vegetação atuando como elemento instigador da

imaginação. Dessa forma, ela sugere e suscita diferentes interpretações e conexões com o espaço urbano, ou seja, possibilita diversos de canais de comunicação entre o usuário e a paisagem. Na ilustração, foram selecionadas algumas possíveis conexões desencadeadas por esse potencial imaginativo: a própria paisagem em um momento histórico diferente do presente, outra paisagem com referências semelhantes, e a vegetação em outro contexto urbano.

Além disso, a ideia de que essa paisagem vivenciada no presente, a partir da inclinação da imaginação através de elementos coletivos, constrói estrutura para a memória social, atuando, assim, na construção da identidade de um grupo.

Novamente, espera-se indagar a curiosidade e a capacidade interpretativa do leitor para acrescentar visões que complementem a ênfase à imaginação e a sua importância na construção da dimensão memorial. Uma oportunidade para incitar a própria sensibilidade e subjetividade.

DIMENSÃO DO AMBIENTE

Apesar do significado não residir no lugar e sim no observador como exposto anteriormente, o ambiente físico e concreto expressa preferências e potências culturais de uma determinada comunidade e um conjunto natural específico, resultado do acúmulo de tempos (WAGNER e MIKESSELL, 2003), que fornece uma base complexa e rica para a compreensão da identidade do lugar e a sua apropriação como elemento na construção da paisagem afetiva.

Segundo esse raciocínio, essa dimensão tem, como perspectiva, a investigação da paisagem como o “lugar do acontecimento cultural e como cenário de um efeito imaginário” (SILVA, 2001, p.23). Para tanto, entende-se cultura como “o significado dos saberes, técnicas e crenças de um dado grupo, traduzidos em representações e práticas, as quais dão sentido à vida do grupo” (CORRÊA, 2003, p.171). Sendo assim, a cultura não seria somente um conjunto de significados e valores existentes na mente, ela se torna concreta por meio de padrões de organização, mas também pela maneira na qual as formas são experienciadas, entendidas e interpretadas.

Essa ideia de sentido à vida das pessoas abarca a visão de Norberg-Schulz (1980) de que o ambiente é formado pelo espaço existencial. Espaço este que comporta a relação básica entre homem e o seu ambiente, numa abordagem fenomenológica de retorno à essência das coisas, com ênfase no ambiente e nas experiências cotidianas. Segundo o mesmo, esse espaço existencial pode ser compreendido por duas categorias: caráter e espaço e que são elas as responsáveis por conferir orientação e identificação ao usuário.

Este caráter é determinado a partir de como as coisas são e compreendido como *genius loci*, o “espírito do lugar” em sua complexa totalidade. Abrange a geral ambiência, atmosfera do lugar - que é a qualidade de identificação mais compreensível do homem- e também a forma concreta e a substância dos elementos que definem espaço. Ou seja, uma abordagem fenomenológica do caráter deve compreender as manifestações, mas também os seus determinantes concretos. Ainda aponta que o caráter é função do tempo, das

mudanças de acordo com as estações do ano, das mudanças do clima e acima de tudo das diferentes condições de luz. Mas também revela a importância das soluções técnicas, de como as coisas são construídas (forma e tecnologia) e de como se articulam formalmente, para que, então a abordagem fenomenológica se aproxime de uma base concreta.

O espaço abarca as três dimensões que organizam e formam o lugar. Norberg-Schulz descarta a visão de espaço como somente geometria tridimensional e/ou espaço como campo perceptivo e, sim, como reconhecido pelas suas diferenças qualitativas que formam o espaço concreto. Para o autor, o espaço tem como aspecto primário a relação entre exterior e interior, o que implica que os espaços possuem um grau variável de extensão (prolongamento) e de confinamento.

Entende-se, então, a partir do pensamento de Norberg-Schulz, que esse espaço físico que garante identificação (seja ela do próprio ambiente ou do usuário) e orientação se valem de características particulares e expressivas do lugar e que, a partir da utilização dessas características, pode-se alcançar o que ele denomina como espaços vibrantes, cheios de associações, interações, trocas e vivências permeadas de significado. Espaços que se revelam pelo seu caráter e pela sua configuração formal através da vida cotidiana e olhar dos seus usuários.

Spirn (1998, p.15) também evidencia a importância das especificidades do espaço físico ao apontar que “os significados dos elementos da paisagem apenas são potenciais até o contexto os moldar.” A autora compreende que a paisagem é cena da vida, uma construção cultivada através de padrões (culturais, estéticos e espaciais) que regem e conduzem como as paisagens são formadas.

Assim, o espaço físico como lugar de significado fruto de trocas constantes entre vida social, seu uso e representações que pode assumir diversas formas e variar em amplitude emocional e intensidade, resumidamente, é descrito como:

“o prazer visual efêmero; o deleite sensual de contato físico; o apego por um lugar por ser familiar, porque é o lar e representa o passado, porque evoca orgulho de posse ou de criação; alegria nas coisas devido à saúde e vitalidade animal.” (TUAN, 2012, p.339)

Nessa perspectiva de potencial afetivo por esse lugar permeado de significado, a presença da vegetação e dos elementos naturais não atua somente como mitigadora da poluição sonora, estabilizadora do equilíbrio solo-clima e das condições atmosféricas, mas, sobretudo, na condição de elemento estruturador na construção do conceito de lugar marcado pelo de pertencimento, proteção e segurança.

De acordo com Wagner e Mikesell (2003), a vegetação é um surpreendente revelador da influência humana no espaço. A partir da sua disposição, do estilo e dos materiais e técnicas empregadas, a vegetação transmite um modo de vida e uma forma de interação com o quadro natural.

Com isso, a intenção dessa dimensão é de apropriar-se das peculiaridades de um grupo, na tentativa de imergir no seu cotidiano e, através das mensagens da vegetação, compreender quais as características do lugar que dão sentido à vida desse grupo.

A terceira ilustração conceitual (Figura 4) tem como intenção, explorar, majoritariamente, as diversas ambiências que constroem a paisagem urbana. Adota a compreensão da vegetação como elemento desencadeador do *genius loci* do espaço. De que as sensações e os sentimentos proporcionados pela vegetação incorporam as particularidades e especificidades que compõem o caráter do espaço, bem como percorre as cenas do cotidiano no espaço urbano e o relacionamento entre os seus usuários e a vegetação durante o cotidiano numa busca por retorno à essência das coisas.

Figura 4 - Ilustração conceitual sobre a Dimensão do Ambiente



Fonte: Rocha, 2017.

A seleção de três diferentes cenas do cotidiano que constroem a paisagem tem como intenção suscitar divagações, devaneios e associações com o imaginário do próprio leitor, incrementando assim a leitura da dimensão do ambiente para outros contextos externos a esse artigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dimensões não ocorrem de forma isolada. Elas se sobrepõem e se inter-relacionam na construção do imaginário social, do qual a paisagem afetiva faz parte. Elas têm, como característica comum, a relação das pessoas com o espaço, relação no sentido de intercâmbio entre o mundo interior (emoções, sentimentos, história, entre outros) e o mundo exterior (paisagem). Interpretação esta numa perspectiva de tentativa de imersão nesse universo múltiplo e complexo que pode fornecer ferramentas para o fomento de ambientes urbanos acolhedores e expressivos do imaginário coletivo.

Portanto, essa investigação com o intuito de compreender como ocorre o processo de construção dos laços afetivos exprime que, para alcançar essa possibilidade de instigar e ampliar essa construção, faz-se necessário uma perspectiva de abordagem na qual os detalhes e as sutilezas da vida cotidiana sejam presentes e constantes nas decisões de projeto paisagístico.

A contribuição da Rival (1998) foi o subsídio mais forte para a construção da dimensão simbólica. O seu repertório teórico participou, de forma marcante, na elaboração da interpretação do papel simbólico da vegetação na paisagem. Essa contribuição revelou a manifestação da vegetação como elemento natural de força e expressividade no espaço urbano. A interpretação perceptiva dessa manifestação é fruto da presença notória da vegetação como elemento diferente (verde) no espaço construído e urbanizado (majoritariamente cinza), o que possibilita o mergulho em outra esfera de percepção do cotidiano. Esfera que está além da sua compreensão como pertencente ao meio físico e concreto, mas também como parte relevante e significativa das associações, representações e emoções humanas. Além disso, tem-se o subsídio da expressividade da vegetação pelo entendimento da sua conexão com a essência da vida, e com as fases/ciclo da vida. E ainda a construção de aporte para a clareza da pluralidade simbólica das árvores e que essa característica pode favorecer a multiplicação de pontos de comunicação entre a paisagem e as pessoas.

Enquanto que Schroeder (2010) teve papel preponderante na composição da dimensão memorial, ele trouxe a ênfase no reconhecimento do potencial imaginativo na experiência da paisagem no cotidiano urbano. O autor evidencia o poder da imaginação no processo de reconhecimento do espaço urbano e de autoconhecimento do usuário nesse mesmo espaço, atuando, assim, como elemento chave na construção da identidade e no reconhecimento de um grupo social/nação. Ainda atrela à imaginação a capacidade de promover maior valorização do espaço pela provocação de rememoração, lembranças, emoções e associações a eventos e sentimentos.

Já Norberg-Schulz (1980) foi fundamental na estruturação da dimensão do ambiente. O autor foi determinante para a compreensão da necessidade de assimilação das marcas que conferem a geral ambiência e atmosfera do lugar. Essas marcas são responsáveis por promover a identificação mais compreensível do espaço pelo usuário. Também contribuiu para a consciência da riqueza da vida cotidiana expressa pela diversidade de relações, emoções, associações que um grupo social desfruta, a partir do entendimento de que as suas peculiaridades são evidências desse contexto urbano e que elas dão sentido à vida desse grupo.

A construção dessa imersão teve como foco as conexões entre a vegetação urbana e o afeto e a construção da paisagem afetiva no meio urbano. O proposto pelas dimensões segue a perspectiva da subjetividade e a partir dela traça nuances que se destacam. A autora Vera Damazio (2017) corrobora com esse mesmo raciocínio, ao tratar das relações entre pessoas e espaços. Damazio afirma que:

“estabelecemos conexões emocionais com o que reflete nossas singularidades, ressalta nossas qualidades e fortalece nossa identidade em todas as suas dimensões. (...) com o que fortalece nossos vínculos conosco, com a sociedade e com o universo; com o que nos faz sentir necessários,

importantes, únicos e parte de um todo; e com o que promove vivências de toda natureza.” (DAMAZIO, 2017, p. 09).

Essas singularidades apontadas por Damazio estão presentes nas dimensões, porém atrelada ao papel da vegetação nessas conexões.

Sendo assim, acredita-se que é fundamental assimilar o olhar proposto nas dimensões e associar ao aspecto funcional de configuração e estruturação do espaço urbano que a vegetação possui, de forma que uma perspectiva apoie a outra. Utilizar o potencial de configuração e definição espacial da vegetação como ferramenta fundamental para a construção de uma paisagem significativa que emocione, que incite lembranças e que promova afeições a fim de “atingir a correspondência entre o corpo individual e o corpo urbano, fazendo com que os cidadãos se reconheçam numa cidade e reconheçam essa cidade como individualidade.” (FARAH, 2008, p. 200).

REFERÊNCIAS

BLOCH, Maurice. Why trees, too, are good to think with: Towards an anthropology of meaning of life. In: The life of Trees in: RIVAL, Laura (Organizadora). The social life of trees: anthropological perspectives on tree symbolism. Berg: Oxford, New York, 1998, p. 39-57.

BROSSE, Jacques. Postface: The life of Trees in: RIVAL, Laura (Organizadora). The social life of trees: anthropological perspectives on tree symbolism. Berg: Oxford, New York, 1998, p. 299-303.

COSTA, Lúcia Maria Sá; PELLEGRINO, Paulo Renato M. Perspectivas da arquitetura paisagística no Brasil in: Arquitetura Paisagística contemporânea no Brasil. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

CORNER, James. A Discourse on Theory I: Sounding the depths – Origins, Theory and Representation. Landscape Journal. 21 Set 1991, p. 61-77.

CORNER, James. A Discourse on Theory II: Three Tyrannies of Contemporary Theory and the Alternative of Hermeneutics. Landscape Journal. 21 Set 1990, p. 115-133.

DAMAZIO, Vera. Coisas, espaços e conexões emocionais in: Arquitetura Sensorial: A arte de projetar para todos os sentidos. Rio de Janeiro: Mauad X, 2017, p. 07-10.

FARAH, Ivete Mello Calil. Arborização pública e desenho urbano na cidade do Rio de Janeiro: a contribuição de Roberto Burle Marx. Dissertação – Universidade Federal do Rio de Janeiro – PROURB- FAU. Rio de Janeiro, 1997.

FARAH, Ivete Mello Calil. Rio de Janeiro e árvores urbanas: uma paisagem afetiva. In: Pinheiro Machado, Denise B. (org.) Sobre Urbanismo. Coleção Arquitetura e Cidade. Rio de Janeiro: Viana & Mosley Editora/Editora PROURB, 2006, p.159-173.

FARAH, Ivete Mello Calil. Poética das árvores urbanas. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2008.

FARAH, Ivete Mello Calil; TARDIN, Raquel; SCHLEE, Mônica Bahia (Organizadoras). *Arquitetura Paisagística contemporânea no Brasil*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

FIALHO, Edson Soares; IMBROISI, Ernesto Gomes. A influência dos fragmentos verdes intra-urbanos no campo térmico no alto Rio Joana - RJ. *Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina*. Universidade de São Paulo, 2005, p. 5170-5188.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NOGUEIRA, Marcia Batista; SCHLEE, Mônica Bahia; BARRA, Eduardo; TÂNGARI, Vera Regina (Organizadores). *A vegetação nativa no planejamento e no projeto paisagístico*. Rio de Janeiro: Rio Books, 2015.

NOGUÉ, Joan. *Geografias emocionales. Culturals*. La Vanguardia. Maio, 2009.

NORBERG-SCHULZ, Christian. *Genius Loci: Towards a phenomenology of architecture*. Nova York, Rizzoli, 1980.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias*. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.27, n.53, p.11-23, Junho 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010201882007000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 18 Jul 2016.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade. Visões literárias do Urbano*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

RIVAL, Laura (Organizadora). *The social life of trees: anthropological perspectives on tree symbolism*. Berg: Oxford, New York, 1998

ROCHA, Bárbara. *Ilustrações*. 2017.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SCHROEDER, Herbert W. Does beauty still matter? Experiential and utilitarian values of urban trees. In: *Trees, people and the built environment. Proceedings of the Urban Trees Research Conference*. Edgbaston, Birmingham, UK. Institute of Chartered Foresters, 2011.

SCHROEDER, Herbert W. The role of imagination in experiencing natural environments. In: Watts, Clifton E., Jr. Fisher, Cherie LeBlanc, eds. *Proceedings of the 2009 Northeastern Recreation Research Symposium*. Gen. Tech. Rep. Newtown Square, PA: U.S. Department of Agriculture, Forest Service, Northern Research Station, 2010.

SPIRN, Anne Whiston. *The language of landscape*. New Haven: Yale University Press, 1998.

SPIRN, Anne Whiston. *The Poetics of City and Nature: Towards a New Aesthetic for Urban Design* in: *Landscape Journal*. Special Issue: Nature, Forma, and Meaning. Volume 7, Number 2. The University of Wisconsin Press, 1988.

SILVA, Armando. *Imaginários urbanos*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

TREIB, Marc (Org). Meaning in landscape architecture & gardens: four essays, four commentaries. Nova York: Routledge, 2011.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.

WAGNER, P. L.; e MIKESEL, M. W. Os Temas da Geografia Cultural. In.: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (org). Introdução à Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.